

Certos *avaliadores* officiaes - - deante da difficulade de argumentos á altura do que vão criticar — falseam préviamente a verdade que os incommoda, moldando-a a seus combates de plano; fazendo deste modo primeiro o commentario para depois construir em *ma doutrina adequada*...

O sistema mais visado nesta deshonestidade é o materialismo dialectico, que os *idealistas* sem maior escrupulo, por ignorancia ou por maldade, reduzem-no ao *homo economicus* (Foullée), ao *ventre* (Tarde), ao *unico impulso* (Novicow) ao *estomago* (Ferri), sendo que o ultimo foi talvez o iniciador de todos estes movimentos de má interpretação, porque dizendo-se socialista divulgou tão mal seus principios... mas, Ferri terminou como seu genio o impelira: morto em vida, apologista de Mussolini, títere do Fascio...

Já desde o tempo de Marx-Engels que suas doutrinas vêm sendo delapida/ assim como este ultimo mesmo notára o falseamento que faziam do materialismo em geral: "Por materialismo, o philisteu entende o abuso da alimentação e da bebida, o prazer visual, os excessos sexuaes, uma vida faustosa, a cubiça, a avareza, a luxuria, a caça aos lucros e as manobras na Bolsa, em summa todos os vicios sordidos a que elle proprio se entrega em segredo". (Ludwig Feuerbach/o fim da philosophia classica allemã — pag. 46).

Marx e Engels aceitavam a critica endereçada por Feuerbach ao materialismo medico, naturalista, de Vogt, Buchner e Moleschott, quando aquelle professava que o simples materialismo naturalista "é o fundamento do edificio do conhecimento humano, mas não o proprio edificio", explicando: "pois não vivemos sómente na natureza, mas tambem na sociedade humana, e esta tem igualmente sua historia da evolução e sua sciencia, exactamente como a natureza".

E, assim mesmo, este materialismo foi tão sómente o effeito contra o idealismo sem freio existente até então, contra aquella "philosophia ivre" perscrustadora de além-nuvens, porque só aqui devem existir a *Razão* e a *Idéa*...

A propria materia para nós é simples *categoria philosophica*, é a realidade exterior e não problema especial da natureza e estructura dos phenomenos physicos ou dos corpos vivos: renunciamos a materia como *substancia* cosmica que é incompativel com a concepção dialectica do mundo em *devenir* constante.

Deixemos que Lenine diga melhor o que penso: "Se a realidade nos é dada, devemos attribuir-lhe um conceito philosophico; pois bem este conceito acha-se estabelecido desde há muito tempo: é o de *Materia*. A materia é uma categoria philosophica que serve para designar a realidade objectiva dada ao homem

em suas sensações, as quaes a copiam, a photographam, a reflectem sem que sua existencia lhes seja subordinada.” (Lenine — *Matérialisme et empirio-criticisme* — 1908 — apud Pumarega).

Não negamos a espiritualidade e as ideologias, sómente para nós isto constitue simples problema gnoseologico, vindo nesta vida espiritual uma capa superior da nossa sensibilidade e constatando que a *materia* reflecte-se na *consciencia*, de que é *anterior e independente*.

A arte, a philosophia, a religião parecem as ideologias mais afastadas das condições materiaes e, de facto, isto se explica por se intercallarem entre o processo economico e estes outros intermediarios; ficando a religião tão alto que illude ao observador pouco escrupuloso...

Mostrar este condicionamento material da espiritualidade não é requerer valorização; pois que força teria Marx ou qualquer outro de apagar o heroismo dos primitivos sacrificios christãos, de turvar os devaneios idealistas da philosophia existente então ou tirar a immortalidade da belleza do Renascimento!

O que nos desgosta, porém, é ver esta valorização do condicionamento material para o baixo, para o inferior, se nós só mostramos o facto em si, sem querermos tirar consequências scientificas; isto se dá porque não foi ouvido o conselho de Marx ou seja: “no limiar da sciencia como na entrada do Inferno, deve-se exigir:

Qui si convien lasciare ogni sospetto.

Ogni viltá convien che qui sia morta.”

Não degradamos a dignidade da obra artistica em subordinando-a á sociedade, por deixar de consideral-a em si mesma um fim; damos, tão sómente, um fim nobre ás ideologias, que como Mauclair mostrára, entristecido, a *arte pela arte* se converteu em a *arte pelo dinheiro!*

Collocamos mal a questão, sob o ponto de vista utilitario: se o artista toma, conscientemente, partido na agitação da vida social que o cerca? Não, o que mostramos é que elle recebe *motivos* da sociedade que o ambienta, indicamos que cada forma social tem sua arte, em geral, e não artistas em particular, pois estes pódem se differenciar, pugnarem individualmente, porém dentro do estado social existente. Ha quem, não comprehende isso, organize listas de antinomias de artistas contemporaneos...

Até hoje muito se tem discutido sobre a *arte pela arte*, o que é incompreensão do problema, visto que “a inclinação para a *arte pela arte* se manifesta e se fortalece onde existe o desaccôrdo insolúvel entre a gente que se occupa da arte e o meio social que o rodea. Esse desaccôrdo se reflecte na obra artistica tanto ou mais vantajosamente quanto mais ajuda aos

artistas a elevar-se no meio que os rodeia". (Plekanov — *El arte y la vida social* — 134 — pag. 60 e 61).

Pela ligeireza da chronica não quero verificar historicamente estes topicos, mostrando em cada condicionamento material sua superestructura correspondente, pois sobre isto — a que já constitúe lugar commum — ha estudos especiaes. Poderia estudar o problema do genio e de outras fantasmagorias idealistas, porém como frisou Pontes de Miranda: "o genio não tira do nada".

Se fôrmos levar esta questão para um terreno mais scientifico, veremos que a arte é tambem *processo adaptativo* dos individuos á sociedade, entrando assim na *constante de variação* dos factos sociaes, etc....

Nós sabemos ser idealistas porque queremos o possível, não nos imaginamos bovarysicamente o que não somos, porque "o homem não alcança um plano superior senão desde o momento em que aprende a vêr a si proprio tal como é/a encarnar depois seus ideaes no existente, em vez de affirmar a existencia do que não existe. Neste estado fazer-se illusões não é signal de idealismo senão de debilidade moral", escreve Hermann von Keyserling em *La vida intima* — 1934 — pag. 88.

Todo o idealismo é o medo da verdade, e a mentira diante da necessidade, pois o conhecimento da realidade, a aprovação da realidade são para o forte uma necessidade tão grande como o é para o fraco, sob a inspiração da fraqueza, a covardia e a *fuga* diante da realidade — o "ideal"...

Como já demonstrou Richard Wagner o movimento emancipador da classe obreira não é uma aspiração para a mediocridade burgueza, porém o contrario, é o duello para uma vida livre, para o "humanismo artistico", que tornará possível a presença sobre a terra deste *excedente de vida*, tão desejado por Nietzsche!

CONCLUSÃO

Uma só citação, por extenso, de Engels resumirá todo o esboço tentado anteriormente. "Mas, cada ideologia, uma vez constituída, desenvolve-se na base dada dessa materia de representações, e a enriquece. De outro modo, não seria uma ideologia; isto é, um conjuncto de idéas vivendo uma vida independente, desenvolvendo-se de maneira independente e unicamente submettido ás suas proprias leis. O facto de que as condições de existencia material dos homens, em cujo cerebro se desenvolve esse processo ideologico, determinam, em ultima analyse, o curso desse processo, é por elles necessariamente ignorado, senão teria fim toda ideologia". (Op. cit. — pag. 89 e 90).